

DIRECTOR E EDITOR:
Manoel Paula
REDACTOR:
Belmiro Sotio-Mayor
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Largo da Poria Nobre
COMP. E IMP.
Companhia Editora do Minho



O SORRISO

Quinzenario humorístico e literario

Um sorriso é uma cartela,
Com que as damas nos envolvem.
Sa-sorrimes sem malicia.
O "SORRISO" nos devolvem.



O SORRISO

O *Sorrismo* não morreu; apenas adormeceu na lassidão de Morphéu, cansado das rapanigas que com meiguices amigas, na sua missão de Divas lhe deram com provas vivas, em requiebro de calor, o melhor do seu amor.

E' certo e tem razão, que em coisas do coração não ha muito que fiar; mas quem gosta de se dar entre sorrisos d'amor, adormece, muda a cor nas horas que vive a amar.

A demora em aparecer o nosso rosto afavel vem d'«O *Sorrismo*» se prender com linda gaiata amavel, que o quiz endoidecer em certa noite agradável, forçando-o a ouvir, a sorrir, como a qualquer tolo ou palanço a voz do Antoninho Afonso a cantar em serenata a formosa traviata a que a guitarra do Zé Neiva a tocar em orfeon dava o mais soberbo tom.

Mas agora, recomposto e com sol da cor do mosto ás mãos das Divas fugiu, e não tugiou nem mugiu não fosse o tal pesadelo causar por ahi qualquer duelo.

E no traje em que Diana, como branca durindana, saiu do seu banho fresco, com espirito romanesco assim vou principiar e antes que arrefeça a minha nova tarefa.

Saindo d'este emaranhado bosque, fui postar-me no Kiósque para a má lingua ouvir. Com o galó a presidir de quando em vez a cantar ouvi então relatar historias da carochinha com pios da pilazinha que d'espada de cortiça qu'ria matar a carriça sem uma velha deixar para não mais se contar o episodio do Czar vestido de balandrau comendo espinhas de carapau.

Por causa da Santa Casa, audava com um grão na aza e peguei mui de mansinho ataquei o se Zezinho oferecendo-lhe um capachinho à moda do sôr Camilinho.

O diabo faz das boas, e o conde Vilas Boas que estava ao lado a toscar mandou os sinos tocar para ver quaes dos bombeiros seriam então os primeiros a aparecer a atenuar a bravura destemida da manifestação popular.

Mas o Sobral, bom rapaz, feito lá com Ferrabraz, em tom de riste e em guerra protestou: Não sou da terra, por isso remeto incluso esse epiteto de intruso.

O que grande pagodeira isto agora é que vae ser: Até o casto Serafim disse assim humanamente.

Lá nos desastres de Braga, embora pareça praga, só se morre interinamente.

E agora caros leitores já oiço cantar o pisco, com armas de S. Francisco eu me curvo reverente, não vá o Dr. Gonçaló com a mania de sport dar-nos qualquer piparóte;

A CERTOS PERALVILHOS



«A VERDADE», na verdade,
Não tem papas no que diz
E, d'ahê, a má vontade...
A sombra do Artur Roriz.

Nas suas laudas honestas
Põe a nu torpezas vis
Dos que ladram como bestas
A sombra do Artur Roriz.

Os politicos baratos,
Da laia do pobre X,
Fogem todos como ratos
A sombra do Artur Roriz.



A «formiga», no Hospital,
Já não truma os seus ardis
Porque o temôr é geral
A sombra do Artur Roriz.

Os taes czares, coitados,
Dão uma idéa infeliz
Por andar subjugados
A sombra do Artur Roriz.

Sendo todos uma boia,
Esses palermas de X,
A inveja, n'eles, se nota,
A sombra do Artur Roriz.

PACOVIO.



Como a Fénix...

Aquêlê episódio, vastas vezes relembrado, da Fénix renascendo das próprias cinzas, é bem a expressão da vida que se renova constantemente e permanentemente toma aspectos reveladores das energias inexgotáveis e profundas, que no seu *substractum* existem.

O episódio é velho, é gasto, e pouco original—concordamos. Mas pelo que exprime e

pelo que vale, êle é sempre novo, brilhante e significativo.

O renascimento da Fénix é o mais perfeito símbolo da eternização da força criadora da Natureza, que em determinados períodos, como lava vulcânica fremente, desentranha-se em flocrescências de luminosidade surpreendente e altíssima, que marcam no tempo e ao homem clardes de glória imarcessível!

E o «Sorrismo», acordando de uma longa e forçosa hibernação, está dentro da vida e sua lógica.

O seu despertar vale bem uma clara afirmação de mocidade, de vigor e de espirito borbulhante de seiva e alegria.

SAUDADES

A. M. de A. P.

Saudade é uma ferida,
Que a desventura gerou;
E' recordar outra vida
Que se sofreu e amou!

Saudades, ai não as têm,
E' qu'rer viver sem sonhar;
São lagrimas duma mulher,
Que se perdeu por amar.

Hás-de senti-la, creança,
Quando um dia a esperança,
Te deixar na orfandade!

Só quem vive de desdem,
E não tem amôr de mãe,
Sabe sentir a saudade!...

Barcélos, 924.

A. S.

Com o primeiro beijo da primavera, fecundante e radioso; com as primeiras rosas de maio florido e gentil, o «Sorriso» reaparece assim formosamente engalanado, a todos oferecendo os perfumes da sua graça leve e o seu encanto doce e pequenino...

Não é um «Sorriso» enigmático e profundo talhado em semblante grave e austero; também não é um «Sorriso» como o que se estereotipa em certos rostos de repelente cinismo, nem ainda um «Sorriso» maguado, vincado de dor amarga e confrangedora.

Mas um «Sorriso» bom, natural, liberto de requintados e torcidos artificialismos, um «Sorriso» despreocupado, alegre e inofensivo, que nasce justamente do prazer de viver e espelha na face iluminada aquela frescura môça, a graciosidade juvenil, a «verve» irresistível de seus progenitores...

Sem propósitos contundentes, — um Sorriso nunca tem tais propósitos —, êle aí surge contente e confiante em que todos vós, leitoras e leitores, haveis de recebê-lo carinhosamente, com o mais expressivo, o mais gentil, o melhor de todos os sorrisos...

M. A.



Morrer, por morrer...

(Herminio: o Antonio Maria,
P'ra não morrer de pavor,
Disse que não se batia
E por isso que fazia
Ouvidos de mercador.)

—Oh Virgem d'olhar tão belo,
Dae-me a vossa opinião.
Devo aceitar o duelo
Quando eu todo me arrepelo
P'ra não morrer como um cão?

Uma voz, doce, murmura:
—Préza a honra, creatura!

—Christo de Verbo eloquente,
Tende pena e compaixão
Dêste pobre penitente
Que se avilta indignamente
P'ra não morrer como um cão.

Uma voz, doce, murmura:
—Préza a honra, creatura!

—Sant'Antonio de Lisboa
Dae-me a vossa proteção.
A minh'alma, crente é boa,
Do duelo fuge á toa
P'ra não morrer como um cão.

Uma voz, rija, murmura:
—Préza a honra, creatura!

O desfecho é bom de vêr:
Aparta p'ró lado o conselho
E, por mais voltas que der,
Não se decide a bater
Que o seguro morreu de velho!

Doutor Pulga.

CIRCO OLIMPIA



E' este o circo que melhores diversões veio proporcionar aos barcelenses nestes dias de festas.

Os artistas que ahi se exhibem, têm recebido do publico os mais fartos aplausos, e na verdade são bem merecedores d'estas provas de estima, pois nos trabalhos que executam, dão bem a demonstrar o valor das suas qualidades artisticas.

Ao circo têm acorrido as damas da nossa melhor sociedade, e as impressões que d'elas colhemos, são as melhores, o que prova a veracidade do que afirmamos.

Como ali vae toda a gente,
O cinema do Ribeiro
Fica ás moscas, certamente,
E não apura o dinheiro
Que gastou com a barraca.
Alem d'isso é conveniente,
Que quem fôr ao do Ribeiro
Leve comsigo uma marca.



Côro Mancipal

Dia alegre de sessão
No Senado Mancipal.
Principia a discussão.
E, com pausa e comoção
Fala a voz medicinal:

—Senhores: vamos zurrar
Por essas terras além
Para, bem alto, afirmar
Que isto nunca irá parar
As garras de mais ninguem.

Meninos do côro: Amen.

—A qualquer antagonista
Respondemos com desdem,
Pois arranca-se-lhe a vista
E o nosso Cear dentista
Quebra-lhe os dentes tambem.

Meninos do côro: Amen.

—É preciso reagir.
Pois vocês comp'rendem bem:
Se a gente, d'aqui, sahir,
Alem do mundo se rir,
Torna a gente a sêr ninguem.

Meninos do côro: Amen.

AGUA D'UNTO.

QUADRAS AMOROSAS

Faz amanhã quinze dias
Que vesti os meus calções.
Debaixo ninguem lhe chega,
De cima não vae ninguem.

B. Antas.

A Senhora do Sameiro
Tem um manto que reluz,
Tambem tu, minha menina,
Me perdeste o amôr.

Gil.

Minha amora madurinha
Quem foi que te amadurou?
Quem tem cabelo é peludo;
Quem não tem deita chinô.

Camilinho.

Chamaste-me moreninha
Eu não me scandalizei.
Quem fôr burro é doutor,
Quem fôr doutor é cinzento.

Patricio artista.



Manoel Lemos

E' inexcédível na graça este rapaz, E' o melhor dandy que nesta vila se apresenta. A sua elegancia é tanta, tanta, que em tempos, até, substituiu os seus dentes caninos por uns de ouro do mais puro quilate. D'ahi a alcinha porque ficou sendo conhecido no nosso meio: o Dente d'Ouro. E então a vaidade d'ele quando lhe chamassem Dente d'Ouro! Ha dias, porém, apresentou-se no a transfigurado. Triste, amarelado e sêco como um cadaver, o pobre rapaz inspirava dô.

Condoídos, interrogamos a causa da sua dôr.

—Que tens, filho?

—Uma dôr... de dentes!

—O quê? Pois na verdade os dentes d'onro tambem te affigem?

—Pudêra! Pois tu não sabes que os perdi quando comia uma sôpa... de burro cansado?!

Qualquer dia este rapaz
Arrebenta c'um estouro.
Pois é forte a dôr que traz
Por perder os d'entes d'ouro!



KALENDARIO

I.^a Quinzena de Maio



11 DOMINGO—Dia de cinema. Faria anda melhor da tola. E o carcereiro está bom e recomenda-se.

15 SEGUNDA—Quarto nascente. Malandram os ourives de sola. Nasce o sol Azevedo no Tribunal do crime.

13 TERÇA — Estamos em maio. Chegou o *Garanhão* para o Matadouro. Bilhetes á venda no *Bicho* do Kiosque. S. Pedro Regalado.

14 QUARTA—S. Bonifacio. O Julinho do Carmo não gosta deste santo. Tudo que tiver pó é antigo. A melhor bolacha é a Invicta.

15 QUINTA — O Menino d'Ouro danou. Embareteceu o vinho. Pede a Deus que te dê cabelo.



Esfingia

EM FRAZE



N.º 1

Basta de brincadeiras! Ou eu pego na medida e dou-lhe um piparote—1. 2.

N.º 2

A madre-silva, no campo, é um objecto de adorno—1. 2.

N.º 3

Com um simples tempero, que todos possuímos, cozinha-se este delicioso peixe—1. 1.

N.º 4.

Aqui, na serra, comi o marisco—1. 2.

N.º 5

Este Deus suspende a fera que devora o homem—1.1.2.

N.º 6

A vogal que melhor estudei, encontrei-a nesta mulher—1. 1. 2.

Famalicão. *Rei de paus.*

1 QUINTA—S. Tenente Filipe. Põe-se o sol e nasce a lua no escritorio do procurador Santos.

2 SEXTA — S. Atanazio. Quem quiser papel selado e alfarrobas é procurar no Armindo do Apoio.

3 SABADO—Descoberta do Brazil. O *Fechaduras* partiu para o Porto. Poz um ovo o galo do Kiosque. Lua nova.

4 DOMINGO—O dr. Gonçalo meteu um goal e o sôr Lebreiro agarrou o pião á unha. Chuva no Campo de S. José.

5 SEGUNDA — Conversão de S. Agostinho recoveiro, p'ra rimar um trauliteiro. Tocam sinos de alegria e o Quim cagaio na guitarra tambem toca aleluia. Fogo prêso na St.^a Luzia.

6 TERÇA—Dia de entrudo. O *Bonito* anda mascarado de Feio (sem sêr do Banco Ultramarino)

7 QUARTA —S. Estanislau. O neto do dito perdeu o olho de vidro.

8 QUINTA—Dia de S. Miguel. Boas batatas no Zé dos Beiraes.

9 SEXTA—Dia de Tribunal. O «Calixto» entrou na *regueifa* e comeu a semente. Que S. Gregorio o ajude.

10 SABADO — Dia de pret. As mulas do Quartel não receberam. Andam a meia ração. Quem corre por gosto não cança.

Conhecemos Judas de peor jaez Revelando mais cinismo E pulhismo Nos seus fins de malvadez.

Pois não são Judas perfeitos Os sujeitos Da politica local A quem se deve a ruína Da Oficina E a vergonha do Hospital?

Pois aquela creatura Que figura Como célebre orador, Não é dos judas mais ursos Se os discursos Deve-os a certo escriptor?

Não tem judaico veneno O «Galeno» Que, ofendendo nos jornaes, Confessa o arrependimento E, n'um momento, Põe-se em choros lacrimaes?

Essa gente é que devia, Neste dia, Entre risadas graudas, Têr o destino mordaz E voraz Dos alegoricos Judas!

Zé Mula.



SALVÉ, 30-IV-920

Por mais um ano que completa tão formosa existencia a minha inolvidavel amiguinha M. M. C. S. M. envio-lhe muitos parabens

M. F. M.

Tambem o «Sorriso» se associa às homenagens que a gentil mademoiselle presta à sua amiguinha M. M. C. S. M. E apesar de não co-

nhecemos esta por aquelas iniciais, por intermédio d'aquela temos o praser de mandar à homenagem mil beijinhos do mar.

Quadra explicada

Meu caro Neca Marinho Este jornal pequeninho Vae instalar o seu ninho No quarto do se Zezinho

Porque lá diz o ditado: quem muito se abaixa, o... se lhe vê.



A CONFIANÇA

Legalmente habilitada

PASSAGENS E PASSAPORTES

Frente à Cadeia—BARCELOS

(Baixos do Hotel Vinagra)

Passagens para a America do Norte, Rio de Janeiro, Argentina, Africa Portuguesa e mais portos, etc.

Esta casa é independente da de seu irmão da rua Direita.

Procurar esta casa é ter a convicção do cumprimento dos seus contractos e que os senhores passageiros seguirão ao seu destino dentro da legalidade.

O agente,

José Maria Monteiro Torres

Neste estabelecimento, encontrara o publico excelentes comidas e um delicioso pão trigo, milho ou sêmea, tudo feito com a maxima perfeição.

PRESOS RASOAVEIS

EDUARDO PRADO

(ANTIGA CASA DA GRANJA)

Modas e Miudezas
Artigos de Novidade

Rua D. Antonio Barroso, 38—40

Encarrega-se de figurado para procissões para o que tem pessoal habilitado.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

"A GARANTIA," AGENCIA DE PASSAGENS E PASSAPORTES

(Legalmente habilitada e caucionada)

Antonio Ferreira Duarte Veloso

Agente oficial do Distrito de Braga

Frente ao Correio BARCELOS

Oficina de Relojoaria

DE

Venancio Fernandes Loureiro

Rua Infante D. Henrique, 26-28

CONCERTOS EM RETOGIOS E OURO COM A MAXIMA PERFEIÇÃO E PREÇOS MODICOS.